



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

CONCEPTUALIZAÇÕES DAS FEMINISTAS EM MEMES: DISCUTINDO A INTERSECCIONALIDADE

Lia Simões Nery

Universidade Federal da Bahia. E-mail: lias.nery@hotmail.com

Quem tenta destruir o feminismo é justamente quem tem medo do seu caráter transformador.

Marcia Tiburi (2018, p. 44)

Resumo: Apresentam-se resultados parciais do estudo realizado sobre o processo de conceptualização da feminista em dois memes retirados da rede social Instagram. A pesquisa está pautada à luz dos aportes teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva, mais especificamente, da Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Sendo assim, tem-se por objetivo geral discutir sobre o modo como a feminista é conceptualizada nos dois memes que compõem o corpus da pesquisa, buscando identificar que fatores sócio-cognitivo-histórico-culturais interferiram nesse processo. Para isso, faz-se um diálogo interdisciplinar com outras áreas do saber que têm como ponto central a história do feminismo, promovendo, assim, o diálogo entre a Linguística Cognitiva e os estudos da História (DEL PRIORE, 2000). Busca-se, portanto, evidenciar quais metáforas e metonímias conceptuais estão estruturando a conceptualização da feminista, chamando atenção para o senso crítico dos textos multimodais, para a misoginia e as conceptualizações feitas sobre mulheres e, em especial, mulheres feministas, no universo das redes sociais.

Palavras-chave: Conceptualização, feminista, Semântica Cognitiva, memes.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo discutir o processo de conceptualização da feminista em dois textos multimodais, particularmente, em dois memes retirados da rede social Instagram. Para embasar as discussões apresentadas, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva, mais especificamente, da Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais, proposta por Lakoff e Johnson a partir da obra *Metaphors we live by* (1980) e desdobrada em outros estudos. Além disso, dialoga-se com outros

pesquisadores, como Forceville (2016), o qual realizou pesquisas sobre a metáfora conceptual a partir de seu uso multimodal, contribuindo, assim, para a compreensão de um dos mecanismos da conceptualização. Resta dizer que o texto está dividido em seis seções que discutem, respectivamente, um breve olhar sobre o(s) feminismo(s); considerações sobre a Semântica Cognitiva; os memes nas redes sociais *on-line*; a metodologia; o estudo das conceptualizações da feminista no corpus selecionado; e as considerações finais, seguidas das referências.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

2 UM BREVE OLHAR SOBRE O(S) FEMINISMO(S) NO BRASIL

A história do movimento de mulheres tem como marco principal o século XIX. Nessa época, é preciso lembrar que as mulheres negras e pobres já lutavam por seus direitos e estavam já inseridas no mercado de trabalho, condições implicadas, principalmente, pelas questões raciais. Contudo, as mulheres da classe média e da alta burguesia, as quais não trabalhavam fora e não possuíam capacitação profissional, passaram então a aderir à luta feminista e a buscar por direitos, realização profissional e independência econômica. Para que essas conquistas se efetivassem era preciso, inicialmente, legitimar às mulheres o direito de exercer as suas cidadanias, ou seja, o direito ao voto, negado a muitas, como ocorreu com a advogada Myrthes de Campos e a professora Leolinda Daltro (SOIHET, 2016).

No Brasil, uma representante desse processo da conquista do voto feminino foi Bertha Lutz, a qual agregou grupos de mulheres, fundou associações e lutou para a emancipação feminina. Nessa luta, esteve também presente a busca para melhores condições de trabalho para as mulheres pobres. A partir dessas associações, as

mulheres foram se fortalecendo e passando a refletir sobre como a educação que lhes era negada era uma imposição de uma sociedade patriarcalista, a qual girava em torno dos desejos do homem.

Bertha Lutz seguiu acreditando que somente acessando a política as mulheres poderiam ter seus direitos garantidos. Vale ressaltar que enquanto essa parcela das mulheres, majoritariamente privilegiada pela cor e pela classe (branca e alta), lutava pelo direito ao voto, uma outra parcela lutava apenas por sobrevivência – e nesta estavam as mulheres negras.

Com os descontentamentos da década de 1920, o movimento feminista se fortaleceu e ganhou mais adeptas. Articulou-se internacionalmente, participando da Primeira Conferência Internacional de Mulheres, em 1922; foi promovido em janeiro do mesmo ano o Primeiro Congresso Internacional Feminino, no Rio de Janeiro.

Um segundo congresso foi organizado em 1931, durante o governo de Getúlio Vargas. Nesse momento, as mulheres encaminharam ao presidente o direito de participarem da vida política e a reivindicação de igualdade entre os sexos. Pressionado, o presidente reuniu uma comissão para discutir a nova lei eleitoral. Contudo, o projeto apresentado possuía diversas restrições ao voto feminino,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

concedendo-o somente a uma parcela privilegiada e intelectualizada da sociedade. Nessa época, Carmen Portinho questiona Vargas sobre a exclusão de outras mulheres, como as mulheres pobres, as quais eram, em geral, negras, e ele termina por eliminar as restrições. Finalmente, em 1932, o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, garantiu o voto secreto e o voto feminino.

Embora nessa época a luta feminista ainda não tivesse alcançado amplamente debates importantes, como a imposição da maternidade e a questão da sexualidade da mulher, a qual ainda era um tabu, essa foi uma grande conquista, que proporcionou às mulheres “o avanço em áreas como trabalho extradoméstico, educação e participação na vida pública” (SOIHET, 2016, p. 233).

Mas era preciso ir além. As mulheres ainda tinham muito o que conquistar. Devido a isso, eclode o chamado feminismo de “segunda onda” nos anos 1960, mesmo em meio a um clima político de terror que assolava o Brasil: a ditadura. Nesse período, as mulheres passaram a questionar pautas para além da educação e do trabalho, como por exemplo a liberdade sexual da mulher. Elas reuniam-se em grupos de reflexão a fim de debater diversos temas considerados tabus, como sexo, aborto, relacionamentos,

violência doméstica e questões relacionadas ao corpo feminino. A partir de 1979, foram criados também grupos de feministas lésbicas, como o SOMOS, Grupo de Afirmação Homossexual de São Paulo.

Dessa forma, ao longo da história da luta feminista no país muitas conquistas foram celebradas (como a Lei Maria da Penha) e assuntos que eram considerados tabus passaram a ser discutidos em sociedade.

Uma questão, contudo, permanece: hoje, porque ainda há o receio de se autoafirmar como feminista? Por que muitas mulheres preferem se utilizar de outros termos para não dizer “sou feminista”? Esta foi uma representação construída ao longo de todos os processos da luta das mulheres, luta que foi marcada, muitas vezes, pela ridicularização daquelas que desejavam frear o patriarcado, uma

gerigonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física. (TIBURI, 2018, p. 40).

Devido a essas conceptualizações construídas ao longo da história, que dicotomizaram o “ser mulher” e o “ser mulher feminista”, uma parcela da sociedade compreende as feministas como mulheres mal-amadas, malcuidadas, que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

não têm uma vida sexual ativa e que se afastam dos padrões femininos, como nos evidencia Joana Maria Pedro (2016, p. 238, grifo da autora):

Durante muito tempo, no Brasil, as pessoas separaram *feministas* de *feminino*, como se fossem coisas opostas. Até o final dos anos 1980, por exemplo, poucas pessoas aceitavam o rótulo de feminista, porque, no senso comum, o feminismo era associado à luta de mulheres masculinizadas, feias, lésbicas, mal-amadas, ressentidas e anti-homens.

Porém, neste artigo, as feministas são compreendidas como mulheres conscientes das opressões a que foram e são submetidas (TIBURI, 2018) e que buscam se autoafirmar e se unir. Faz-se necessário lembrar que aqui *não* se pretende universalizar a categoria das mulheres, pois compreendemos as implicações das relações de classe, de raça e de geração, as quais são indissociáveis do debate de gênero. Embora unidas, essas mulheres apresentaram ao longo da história demandas diferentes, bem como foram submetidas a opressões diferentes, como ocorreu com as mulheres negras, que desde sempre estavam inseridas no mercado de trabalho e que possuíam demandas mais difíceis de aceitação devido às questões de classe e raça.

Nessa perspectiva, defendemos neste artigo a existência de múltiplos feminismos, olhando para as *interseccionalidades* que permeiam os

movimentos feministas e desfazendo a perspectiva universal das mulheres. Enfatizar-se-á neste estudo não uma única forma de opressão feminista, a da mulher branca, mas também a opressão às mulheres negras e ao feminismo negro. Corroborar-se com Djamila Ribeiro (2018, p. 25) ao falar sobre a

urgência de não universalizar essa categoria, sob o risco de manter na invisibilidade aquelas que combinam ou entrecruzam opressões.

Com isso, pretende-se compreender as múltiplas mulheres existentes no “ser mulher”, o que envolve também falar sobre as conceptualizações da feminista negra.

Logo, o título desta seção se justifica na medida em que reconhecemos a existência do feminismo interseccional, dos feminismos, refletindo sobre o feminismo negro e sobre as conceptualizações das feministas de acordo com o *locus* social que ocupam na sociedade (RIBEIRO, 2010). Como nos esclarece Djamila Ribeiro (2018, p. 53) em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?*

Se a universalidade da categoria ‘mulheres’ não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim as estruturas de poder.

Visando dar continuidade à luta feminista e buscando compreender, discutir e problematizar questões contemporâneas é que buscou-se estudar as conceptualizações



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

das feministas em memes, com o auxílio da Teoria da metáfora conceptual, proposta pela Semântica Cognitiva. Para isso, faremos, adiante, uma breve contextualização desta área de estudo.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEMÂNTICA COGNITIVA

O estudo da metáfora, na tradição retórica, está vinculado ao uso de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva. Nessa perspectiva, a metáfora é vista como um ornamento linguístico, ou seja, um desvio da linguagem usual e, portanto, deveria ser evitada quando houvesse a intenção de se falar objetivamente. Essa visão se encontra pautada na dicotomia entre linguagem literal *versus* linguagem figurada.

Rompendo com a tradição da retórica, ao proporem uma abordagem cognitiva da metáfora, em 1980 Lakoff e Johnson publicam o livro *Metaphors we live by*. Nesse livro, os autores trazem discussões sobre a metáfora e também sobre a metonímia a partir da perspectiva conceptual. Após analisarem diversas expressões linguísticas cotidianas, postularam que, subjacente à linguagem verbal, há um sistema conceptual metafórico e metonímico que influencia o pensamento e as ações. Sendo assim, a

metáfora e metonímia passam a serem vistas como figuras do pensamento, responsáveis pela estruturação da linguagem, das nossas ações e pensamentos. Em outras palavras, trata-se de mecanismos cognitivos por meio do quais construímos significados. Portanto, Lakoff e Johnson afirmam que o nosso sistema conceptual é, em sua maior parte, metafórico, e apenas uma pequena parte é literal, ou seja, o nosso sistema conceptual opera por meio de metáforas e metonímias, como esclarecem os autores:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. [...] Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Com a publicação desse importante estudo e de outros¹, firma-se, também em 1980, a Linguística Cognitiva (doravante, LC), uma ampla e diversa área de estudo que busca compreender como a linguagem está estruturada pela cognição. Como aponta Ferrari (2011, p. 14), a LC postula que “a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição”, ou seja, atribuímos significados às coisas ao nosso

¹ A publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, em 1980, pode ser vista como um dos marcos da nova orientação, que ganhou corpo ao longo da década com os trabalhos de Lakoff (1987), Langacker (1987) e outros, culminando com a Conferência em Linguística Cognitiva, em 1989, e em desdobramentos posteriores.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

redor e isso se deve à nossa capacidade de conceptualizar a partir de nossas experiências corporais e culturais.

Como explica Santos (2015), significar, em Semântica Cognitiva, é essencialmente *conceptualizar*, ou seja, é um processo que envolve aspectos sócio-histórico-culturais e experienciais, sendo, assim, dinâmico, flexível, subjetivo, hermenêutico. Sob essa perspectiva, a conceptualização é um fenômeno cognitivo que requer tanto a experiência com o nosso próprio corpo quanto com o mundo, levando em conta questões culturais.

A Semântica Cognitiva, por sua vez, é uma subárea – com diferentes focos e perspectivas – da LC, a qual busca estudar a relação entre a cognição e a língua, identificando como estruturamos uma infinidade de conceitos através da linguagem. Segundo Lenz (2013, p. 35), ao citar Lakoff e Johnson (1999), a Semântica Cognitiva

pode ser definida como uma área da Linguística Cognitiva que estuda os sistemas conceituais, significados e inferências humanos.

Portanto, é objeto de estudo da Semântica Cognitiva identificar quais recursos são empregados no processo de conceptualização, tais como: metáfora, metonímia, categorização, esquemas imagéticos etc.

Em oposição ao pensamento cartesiano, a Semântica Cognitiva postula

que não há uma relação separada entre mente e corpo, pois ambos estão em ação, interagindo no processo de conceptualização. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 128): “[...] a estrutura dos nossos conceitos espaciais emerge da nossa constante experiência espacial, isto é, da nossa interação com o ambiente físico.” Logo, conceptualizamos o mundo e as pessoas com base na experiência cultural e física que vivenciamos.

Um dos mecanismos utilizados nessa relação de interação entre mente e corpo presente no processo de conceptualização é a *metáfora*, a qual consiste em compreender uma coisa em termos de outra e, para isso, o ser humano se utiliza de um mapeamento entre o *domínio-alvo*, aquele que se busca conhecer, e o *domínio-fonte*, a partir do qual são retiradas informações para se tentar compreender um conceito. Como um exemplo, tem-se a expressão linguística metafórica “Você atacou meus argumentos”, geralmente utilizada em uma discussão. Através dela, podemos depreender que o domínio-alvo, portanto, seria a DISCUSSÃO, a qual se busca compreender com base no conceito de GUERRA, domínio-fonte. Essa análise nos leva à metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. É interessante notar a diferença entre *metáfora conceptual* e *expressão*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

linguística metafórica, a primeira se referindo à representação no nível mental e a segunda apenas à realização linguística, ou seja, como a metáfora se realiza na língua.

Um outro mecanismo que faz parte do processo de conceptualização é a *metonímia*, a qual também será utilizada para este estudo. Diferentemente do que se pensa, a metonímia também é um mecanismo de *compreensão* e não apenas um recurso referencial (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

A metonímia pode ser definida como a compreensão de uma projeção que pertence a um mesmo domínio conceptual, ou seja, no processo metonímico é recorrente a relação PARTE/TUDO dentro de um mesmo domínio. Quando afirmamos, por exemplo, “Sou feminista”, estamos dizendo que, dentre o grupo de todas as mulheres, existe uma PARTE feminista em relação ao TUDO de mulheres. Contudo, o domínio é o mesmo, o da Mulher.

Em relação à multimodalidade, presente nos memes, Forceville (2016) compreende que ela se refere à variedade de modos semióticos – o que implica que um texto pode ter a linguagem falada, escrita, a imagem, a música, os gestos etc.

Na próxima seção, discutimos algumas questões sobre os memes, já que

esse novo gênero textual foi escolhido como *corpus* desta pesquisa. Ademais, também fazemos uma reflexão sobre as redes sociais *on-line*, que, conforme pontua Almeida (2016), são espaços de interação, compartilhamento e reflexão de diversos temas.

4 OS MEMES NAS REDES SOCIAIS ON-LINE

As redes sociais *on-line* têm por características a dinamicidade, as relações pautadas em interesses, temas e valores compartilhados e a momentaneidade desses vínculos. Nessas redes, vários internautas interagem através de postagens, como ocorre com a rede social Instagram, na qual podem ser publicadas imagens seguidas de legendas ou não, sobre os mais variados assuntos.

A rede social Instagram foi criada em 2010 e possibilita a postagem de fotos compartilhadas em outras redes como o Facebook e o Twitter. Estima-se que o Instagram chegou a “1 milhão de usuários em apenas três meses” (ENTENDA..., 2012). Após dois anos, o Instagram é comprado pelo Facebook por 1 bilhão de dólares. Foi através dessa rede que pôde-se coletar o *corpus* desta pesquisa.

No Instagram é possível notar a identificação dos internautas através das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

páginas que seguem, do que compartilham, comentam, enfim, da sua própria interação na rede. Essas interações não revelam apenas o compartilhamento de conhecimentos e informações, mas também de ideologias, questões políticas, sociais e culturais (MARTINO, 2014), as quais estão sendo comumente transmitidas através dos memes.

Como evidencia Martino (2014, p. 117):

imagens, sons, gestos, palavras, melodias, jeitos de se vestir e até mesmo elementos complexos como crenças ou rituais se disseminam pela sociedade na forma de memes.

Atualmente, essas construções feitas pela cultura humana sobre diversos temas articulados com o cotidiano têm tido uma grande expressividade devido às tecnologias e ao constante uso das redes sociais. Eles estão, indissociavelmente, impregnados de conceptualizações, posicionamentos e visões de mundo sobre inúmeros assuntos.

Dessa forma, os memes foram escolhidos para o estudo das conceptualizações das feministas devido ao potencial expressivo que possuem para que se possa compreender fenômenos da compreensão humana na cultura contemporânea. Veremos, também, como os memes são capazes de “criar laços ainda que difusos, entre as pessoas: reelaborar

um meme e ser parte de uma comunidade talvez anônima, mas não menos forte”. (MARTINO, 2014, p. 178).

Na próxima seção, discute-se a metodologia utilizada para este estudo.

5 METODOLOGIA

Em relação à metodologia do presente estudo, fez-se uso de uma abordagem de cunho qualitativo, descritivo-interpretativo, documental e exploratório. Sendo assim, pautando-se na LC, o estudo desenvolvido considerou o viés da hermenêutica. Como já foi indicado, o *corpus* da pesquisa são dois memes, retirados da rede social Instagram, um coletado em uma página e outro postado no *stories*.

Para o estudo da conceptualização da feminista nos dois memes selecionados, foram considerados dois mecanismos da conceptualização multimodal: metáforas, metonímias. Vejamos, agora, o estudo das conceptualizações em questão.

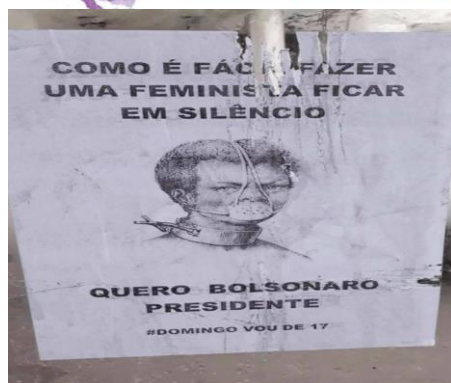
6 O ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES DA FEMINISTA NO *CORPUS* SELECIONADO

Figura 1 – Meme 1



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero



Fonte: [Sem título] (2017).

Este meme (Figura 1) foi coletado no ano de 2018, em um momento crítico das eleições do Brasil, marcado pela polarização política e a ascensão de discursos e práticas ultraconservadoras. Devido a isso, milhares de pessoas estavam se manifestando contra as mulheres, principalmente devido à candidatura de um presidente da república que emitiu declarações misóginas. O meme é composto de um texto verbal e de um texto não verbal, o que está representado pela imagem da escrava Anastácia, com uma máscara na boca.

O diálogo da frase “como silenciar uma feminista”, com a imagem, nos permite inferir que para esta ação é necessário utilizar uma máscara, a qual não permite à mulher falar. Essa máscara, presente nesse anúncio do ano de 2018, foi a mesma que as mulheres tentaram e tentam até hoje abandonar; ela representa a máscara do patriarcado, de uma sociedade machista e misógina que sempre negou à mulher os seus direitos. Contudo, essa

máscara também foi um instrumento utilizado durante a escravidão, o qual se chamava “Máscara de Flandres”. Mais à frente falaremos sobre a especificidade e o simbolismo desse instrumento que se apresenta na imagem amarrado à boca da mulher negra, bem como das questões que ele suscita.

Dando continuidade à análise, em relação aos processos de conceptualização presentes no meme, podemos depreender que há uma metonímia presente: ESCRAVA ANASTÁCIA POR MULHER. Isso se justifica porque a metonímia ocorre quando há a representação de uma PARTE por um TODO, ou seja, a escrava Anastácia é a parte que está representando o TODO das mulheres feministas. Vale ressaltar que a metonímia só ocorre dentro do mesmo domínio conceptual, no caso aqui estudado, o domínio da MULHER. Por isso, a temática do silenciamento, presente no meme, refere-se ao extenso grupo das mulheres feministas. Contudo, há uma questão que não é universal a todas, pois a representação da feminista escolhida é de uma mulher negra. Sendo assim, é necessário problematizar algumas questões: por que a imagem de uma mulher negra representando o silêncio das feministas? Por que não há



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

uma foto de uma mulher branca com uma máscara na boca? Quais as implicações desses sentidos? Quais mecanismos de conceptualização estão presentes no meme?

Para entendermos melhor essa questão recorreremos ao conceito de *feminismo descolonial*. Nessa perspectiva, o feminismo é pensado não somente em relação à questão de gênero, mas também em relação às questões de raça e classe, olhando para as mulheres em suas especificidades e não as unificando em uma categoria “universal”. É certo que todas as mulheres sofrem opressão da sociedade patriarcal, mas é preciso olhar para as *interseccionalidades*. Isso significa dizer que cada mulher, a depender da raça ou da classe, poderá experimentar opressões diferentes ou níveis diferentes de opressões devido à sua condição racial ou econômica. É preciso discutir essas questões e reconhecer as singularidades dos lugares de fala de cada mulher, de cada feminista. Como nos esclarece Djamila Ribeiro (2018, p. 53), “É necessário entender de uma vez por todas que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher e romper com a tentação da universalidade, que só exclui”.

Dessa forma, fica evidente no meme não somente a questão do

silenciamento do feminismo, mas também o silenciamento de um grupo específico: as mulheres negras. Sob esse ponto de vista, a mulher negra estaria representando todas as outras feministas, como já dito anteriormente, havendo, portanto, uma outra metonímia: FEMINISTA NEGRA POR FEMINISTAS. Em relação a essa questão, podemos fazer um paralelo com o diálogo de Grada Kilomba em *A máscara*, discutido também por Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala?*, quando esclarecem que a mulher negra é *O Outro do Outro*. Explico: se o homem branco vê o negro como O Outro, antagonista do “eu” (KILOMBA, 2016), submetendo-o a diversas formas de opressão, a mulher negra seria *O Outro do Outro*, porque sofre com uma dupla opressão, a de uma sociedade machista e racista.

Em relação à Máscara de Flandres no rosto da escrava Anastácia nesse meme, podemos inferir que carrega um duplo simbolismo: o silenciamento das feministas, enquanto grupo homogêneo, mas direcionado, especificado, e o silenciamento das feministas negras. Nessa perspectiva, a máscara é utilizada porque supõe-se que as feministas desejam *falar* algo ou *possuir* um lugar que comprometa a “autoridade” da sociedade patriarcal, além de que revela, devido à



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

representação da escrava, “que o sujeito Negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco”, daí a intenção de controlar a boca, por ser “um órgão muito especial, (que) simboliza a fala e a enunciação”. (KILOMBA, 2016, p. 172).

Nesse contexto, podemos depreender que há duas metáforas conceptuais presentes: BOCA É PODER e BOCA É LIBERTAÇÃO. Isso por que, na visão dos elaboradores do meme, sem a ausência da máscara, instrumento de tortura utilizado na escravidão, as feministas e, sobretudo, as feministas negras, têm suas vozes ouvidas, estão *empoderadas*, gerando incômodo na sociedade machista e racista.

Portanto, a análise desse meme revela a permanência do machismo e do racismo, apesar das inúmeras conquistas realizadas pelas mulheres e pelas mulheres negras ao longo da História. O estudo desse meme também é profícuo para pensarmos em questões sociais e históricas, sobretudo no contexto político vivenciado pelo Brasil à época da coleta do *corpus*: as eleições de 2018. Por fim, em relação a essa análise ficamos com a palavra de Conceição Evaristo, em diálogo com Grada Kilomba e trazida por Djamilia Ribeiro (2017, p. 78):

[...] aquela imagem de escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da

máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara.

Vamos, agora, ao estudo do próximo meme.

Figura 2 – Meme2

Como identificar uma falsa feminista:



505 curtidas

sopafude Estamos de olho 🗿🗿

Fonte: [Sem título] (2017).

No segundo meme selecionado (Figura 2), o contexto imagético aciona o domínio da experiência de uma manifestação feminista, uma vez que há um grupo de mulheres reunidas, com as mesmas vestes e com cartazes escritos, o que sugere que estão reivindicando algo. Acima da imagem, está escrita a expressão linguística metafórica “Como identificar uma falsa feminista”. Mais uma vez, a interação entre o verbal e o imagético é necessária para a compreensão da conceptualização da falsa feminista que o autor do meme intencionou compartilhar, pois o *domínio-alvo*, a feminista, pode ser



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

acessado tanto por meio da linguagem verbal quanto por meio da imagem.

Retomando a linguagem imagética, pode-se observar que as várias mulheres brancas reunidas estão vestidas apenas da cintura para baixo com *lingerie*, e possuem seus corpos e cartazes pintados. Dentre elas, uma em especial, circulada em vermelho, tem o quadril mais elevado em relação às demais, cuja posição aciona o domínio da experiência da CÓPULA. Assim, o contexto imagético, juntamente com o verbal, acionam o *domínio-alvo*, a falsa feminista, a qual está sendo conceptualizada como uma mulher que tem vida sexual ativa (e por isso falsa) por meio da metonímia conceptual MULHER COM VIDA SEXUAL POR FALSA FEMINISTA. As demais mulheres do meme são conceptualizadas como feministas, uma vez que *não estão* numa determinada posição sexual, como aponta o autor do meme. Sendo assim, infere-se que a feminista é uma mulher que *não* tem vida sexual ativa, diferente da falsa feminista.

Analisando o multimodal ainda podemos notar, através do destaque em vermelho da imagem, que a mulher está sendo conceptualizada com base na evidência de uma *parte* do seu corpo: as nádegas. Sendo assim, as metonímias presentes são NÁDEGAS POR

MULHER/PARTE PELO TODO e NÁDEGAS POR FALSA FEMINISTA/PARTE PELO TODO. Em nossa cultura, sabemos o quão recorrente o corpo da mulher é posto em evidência, sobretudo as nádegas, as quais são utilizadas em propagandas e anúncios publicitários, por exemplo.

Em relação à página em que esse meme foi postado, intitulada “Sopafude”, podemos inferir que também há uma recorrência de postagens machistas, as quais estão sempre colocando a mulher em uma posição de subalternidade e humilhação. Logo, depreende-se que o criador(a) do meme não apoia o feminismo, dada as conceptualizações da feminista encontradas aqui.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a conceptualização da feminista em dois memes, à luz dos aportes teóricos da Semântica Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson. Como vimos, essa teoria nos possibilitou identificar os mecanismos de conceptualização da feminista presentes no meme, como as metáforas conceptuais BOCA É PODER e BOCA É LIBERTAÇÃO, bem como as metonímias conceptuais ESCRAVA ANASTÁCIA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

POR MULHER; FEMINISTAS NEGRAS
POR FEMINISTAS; MULHER COM
VIDA SEXUAL POR FALSA
FEMINISTA; NÁDEGAS POR
MULHER/PARTE PELO TODO;
NÁDEGAS POR FALSA
FEMINISTA/PARTE PELO TODO.

Em relação ao primeiro meme, podemos concluir que as feministas e, sobretudo, as feministas negras, estão sendo conceptualizadas como mulheres que representam uma ameaça à sociedade patriarcal e, por isso, devem permanecer no silenciamento. No segundo meme, as feministas são conceptualizadas como mulheres que não possuem vida sexual e por isso não despertam a atração sexual dos homens, daí a conceptualização da falsa feminista: a mulher que atende aos estereótipos, é sensual e possui vida sexual ativa.

Visto que o meme é planejado e construído por uma pessoa, bem como representa uma comunidade virtual, as construções de sentidos evidenciam, portanto, aspectos da experiência física e cultural do seu(s) criador(es) e dos seguidores das páginas, o que nos permitiu inferir que eles (as) partilham, em sua comunidade virtual, conceptualizações de cunho antifeminista, além de misógino, machista e racista.

Espera-se que esse artigo seja incentivador da reflexão e do interesse pelo estudo das metáforas e metonímias conceptuais, as quais estão presentes intrinsecamente na nossa linguagem cotidiana. Faz-se necessário explicitar que a autora, enquanto mulher, *não* compartilha com as conceptualizações apresentadas sobre a feminista nos memes, bem como pretende, com o resultado parcial desta pesquisa, chamar a atenção para o senso crítico dos textos multimodais e para as conceptualizações feitas sobre mulheres feministas e, sobretudo, feministas negras, presentes em memes. O principal alerta deste trabalho, contudo, é a problematização de velhas práticas de opressão às mulheres, como o machismo, o racismo e a misoginia. Resta dizer, por fim, que este artigo representa a voz e o “estilhaçamento” da Máscara, como bem abordado por Conceição Evaristo. Portanto, concluo com uma metáfora: continuemos, mulheres, a falar, pois é pelas frestas e pequenas fissuras que se provocam os grandes abalos sísmicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. D. Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 99-118, 2. sem. 2016.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

CAVALCANTE, S. M. S.; SOUZA, A. L. Linguística cognitiva: uma breve introdução. In: HERMONT, A. B.; ESPÍRITO SANTO, R. S. do; CAVALCANTE, S. M. S. (Org.).

Linguagem e cognição: diferentes perspectivas: de cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010. v. 1, p. 63-83.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** Coordenação de textos de Carla Bassanezi. 3. ed. São Paulo: Contexto: Ed. UNESP, 2000. p. 78-114.

ENTENDA a curta história do Instagram, comprado pelo Facebook. **G1**, São Paulo, 16 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FORCEVILLE, C. Pictorial and multimodal metaphor. In: KLUG, N. M.; STÖCKL, H. (Ed.). **Handbuchs pracheim multimodal en kontext.** Berlin: De Gruyter Mouton, 2016. p. 1-27.

KILOMBA, G. A máscara. **Cadernos De Literatura Em Tradução**, São Paulo, n. 16, p. 171-180, 10 maio 2016. Tradução Jessica Oliveira de Jesus. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (Org.). **Semântica, semânticas.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes.** Petrópolis: Vozes, 2014.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, E. S. O estudo do significado sob a perspectiva da linguística/semântica cognitiva. **Pontos de Interrogação**, Alagoinhas, v. 5, n. 1, p. 11-27, jan./jul. 2015.

[SEM TÍTULO]. 2017. 1 imagem. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BWsK-tFA9sC/?hl=pt-br&taken-by=sopafude>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

[SEM TÍTULO]. 2018. 1 imagem.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

SOIHET, R. A conquista do espaço público. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2016. p. 218-237.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.